

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COMO POSSIBILIDADE PARA FORMAÇÃO HUMANA OMNILATERAL.

Sônia Maria Dantas Medeiros

Secretaria Municipal de Educação de Natal/RN. soniadanta@hotmail.com

Marcos Torres Carneiro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. torriscarneiro@gmail.com

Liédja Lira da Silva Cunha

Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP. liedjaprofessora@ifesp.edu.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar quais são as ações, desenvolvidas pelos professores, que possibilitem ao público que vive excluído da educação um ensino pautado nos princípios éticos, solidários e humanos. A motivação que norteia o interesse em pesquisar a referida temática toma como questão norteadora a seguinte indagação: quais são as ações, desenvolvidas pelos professores, que podem possibilitar ao público que vive incluído/excluído da educação o acesso para todos, com qualidade e fundamentada nos princípios, éticos, solidários e humanos? Frente a esta problematização e, instigada pelas discussões em sala de aula, proporcionadas pela disciplina Sociedade, Trabalho e Educação, durante a trajetória do mestrado acadêmico em educação Profissional, é que surge à necessidade de pesquisar acerca da seguinte temática: “As práticas Pedagógicas como possibilidade para a formação humana omnilateral”. O aporte teórico metodológico será a pesquisa bibliográfica abalizada nas concepções de: Moura (2013) Frigotto (2010) Morin (2009) Antunes (2009), Goergen (2001) e Nogueira (2004). Diante do exposto, entendemos que as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola ainda não atendem aos anseios das camadas populares, por estarem imbuídas dos conceitos de homem e sociedade de uma visão elitista e, portanto, de um pensamento neoliberal, nos preâmbulos da meritocracia, no qual oferta-se um ensino igualitário que escamoteia a extrema desigualdade dos sujeitos oriundos da classe trabalhadora, que não conseguem, nesta escola padrão, assimilar e apreender os conhecimentos, por não encontrarem significados para a vida. O que queremos na verdade é uma escola na qual os profissionais da educação tenham como desafio formar um homem que cumpra os seus deveres e reconheça os seus direitos, tendo consciência de qual o lugar ocupa na sociedade.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas, Formação omnilateral, Educação, Sociedade.

INTRODUÇÃO

Considerando o atual contexto social, político e econômico em que vive a sociedade brasileira, à luz de um contexto macro e global, pautado pelo modo de produção capitalista no qual predomina a mais valia produzida pela classe trabalhadora através da exploração pela classe dominante, faz-se necessário (re) pensar a educação, no que pese o fazer pedagógico em sala de aula a partir de perspectiva emancipatória, omnilateral e contra hegemônica em que possa promover a travessia para uma sociedade fundamentada no princípio de inclusão dos sujeitos e, sobretudo, objetive promover uma educação “para além do capital” (MÉSZÁROS, 2005). É diante deste cenário que a educação (escola) é concebida enquanto espaço estratégico para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que proporcionem a formação omnilateral do homem.

Nesse sentido corroboramos com Goergen (2001, p. 89):

(83) 3322.3222

contato@setep2016.com.br

www.setep2016.com.br

Diante dessa misteriosa esfinge que é a realidade contemporânea, o homem se vê, mais uma vez, jogado na contingência de decifrá-la ou ser por ela devorado. Há dois caminhos possíveis: oferecer o homem e sua capacidade de decidir seus destinos em banquete à esfinge ou tentar decifrá-la e, por esta via, encontrar novos fundamentos para o pensar, para o agir e para a vida. [...] Este é o sentido da consciência hoje: encontrar elementos que nos sirvam de orientação na conquista de um quadro referencial básico a respeito da natureza, do ser humano e da sociedade para que possamos situar-nos no mundo e na vida.

É somente a partir de uma formação humana integral que os sujeitos cognoscentes se reconhecem como protagonistas de sua própria história e serão capazes intervir no meio social em que estão inseridos, podendo, também, transformar a sua realidade a partir de uma formação mediada pela reflexão política, crítica e social dos conteúdos, materializada nas práticas docentes.

Frente a esta problematização e, instigados pelas discussões em sala de aula, proporcionadas pela disciplina Sociedade, Trabalho e Educação, durante a trajetória do mestrado acadêmico em educação Profissional, é que surge a necessidade de pesquisar acerca da seguinte temática: “As práticas Pedagógicas como possibilidade para a formação humana omnilateral”.

A motivação que norteia o interesse em pesquisar a referida temática toma, como questão norteadora, a seguinte indagação: quais são as ações, desenvolvidas pelos professores, que podem possibilitar ao público que vive incluído/excluído da educação o acesso para todos, com qualidade e fundamentada nos princípios éticos, solidários e humanos.

Neste sentido, é pertinente superar os paradigmas postulados pelo sistema econômico, de ideário neoliberal e romper com uma visão conteudista que perpassa os currículos escolares que se apresentam de maneira propedêutica, e que não atende as necessidades dos educandos como seres inacabados capazes de construir e (re) elaborar suas concepções de mundo, de sociedade e agir sobre. O aporte teórico metodológico será a revisão bibliográfica abalizada nas concepções de Moura (2013) Frigotto (2010) Morin (2009) Antunes (2009) e Goergen (2001), Nogueira (2004).

Este estudo está organizado em 2 capítulos nos quais dialogamos com os autores citados acima e, dentre outros, a respeito da formação humana integral. No Capítulo I trataremos sobre educação e trabalho, vislumbrando como entendimento chave para a formação humana omnilateral e politécnica.

Essa conceituação é imprescindível para entendermos a premente necessidade de

consolidar a concepção de formação humana omnilateral a partir de uma proposta pedagógica em que a produção do conhecimento esteja imbricada na perspectiva do materialismo histórico-dialético. No Capítulo II, discutiremos sobre as práticas pedagógicas na perspectiva da formação humana integral.

Finalizando, faremos as considerações a respeito do nosso tema à luz dos autores que, de forma enriquecedora, acrescentaram ou mudaram as concepções à guisa de uma educação humana integral, omnilateral ou politécnica.

2. EDUCAÇÃO E TRABALHO: FORMAÇÃO OMNILATERAL E POLITÉCNICA

O contexto social no qual estamos inseridos torna-se um divisor de águas para que os jovens se insiram no mercado trabalho, de maneira precoce e, conseqüentemente, precarizada. Não seria redundante da nossa parte afirmarmos que estamos falando de um público de indivíduos na sua grande maioria pobre, negro e, sobretudo, filhos da classe trabalhadora.

Dessa maneira, somos induzidos a compreendermos o plano de fundo que ideologiza a educação. A educação é o trampolim em que o sujeito se constitui cidadão, seja no âmbito da família, como célula mãe da sociedade ou no âmbito da escola. Sabe-se, portanto, que é da família que o sujeito recebe os primeiros ensinamentos para a vida. E que a escola, ao negar esse conhecimento, que é historicamente acumulado, nega que somos seres históricos, e que a uma relação intrínseca entre a educação e a história, como que a escola se implantou, quais são os valores pertinentes a uma educação que tenha como princípio a formação humana integral.

A frustração dos jovens das camadas médias e populares diante das falsas promessas do sistema de ensino converte-se em uma evidência a mais que corrobora as novas teses propostas por Bourdieu. Onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passou a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais. A educação, na teoria de Bourdieu, perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratização das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais. (NOGUEIRA, 2004, p.15)

Essa frustração ocorre principalmente porque o público alvo citado por Bourdieu vê a escola como única forma de ascensão social, depositando toda possibilidade de garantia de seus direitos. Sem dúvida, os professores no reverso desta questão – frustração dos jovens - deveriam se perguntar qual a relação do conhecimento com as demandas sociais? Diante do exposto, ampliamos o conceito para a educação profissional, na perspectiva de uma formação humana integral a qual está balizada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9392/96.

9.394/96, em que preconiza que, educação deve estar integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e tecnologia.

Quiçá, após esses questionamentos, poderemos discutir, diante dessa concepção de educação, com a categoria trabalho de forma linear com a educação no sentido de potencializar uma escola igual para todos.

Em primeiro lugar, compreende-se que a escola deve ser unitária, ou seja, igual para todos em seus princípios e voltada para a formação omnilateral dos sujeitos. Mas, respeitados esses princípios, é necessário reconhecer as necessidades e os interesses específicos dos distintos grupos populacionais. [...] cabe refletir de como a educação escolar deve incorporar o trabalho no processo de formação humana. Nesse sentido, parte-se da consideração de que o trabalho é mediação de primeira ordem entre o homem e a natureza e, portanto, elemento central na produção da existência humana. (MOURA, 2013, p.133)

Infelizmente, na sociedade brasileira trabalho e educação não se coadunam. A maneira como o trabalho está organizado no modo de produção capitalista é a forma de exercício de poder dos que têm a posse da economia sobre os que vendem a sua força de trabalho para produzirem sua existência. Jamais poderá se pensar que diante dessa dicotomia a escola por si só será capaz de transformar, pois para que aconteça as transformações, é necessário que ocorra mudanças em todas as áreas da sociedade.

Nesse sentido, ratificamos a concepção de Frigotto (2010, p. 237).

Entre os novos desdobramentos, poderia estar aquilo que os clássicos brasileiros do pensamento crítico definiram como revolução nacional, capaz de abrir amplo acesso aos bens econômicos, sociais, educacionais e culturais por parte da grande massa até hoje submergida na precária sobrevivência e com direitos elementares mutilados.

O autor contrapõe-se logicamente a perspectiva neoliberal que tem o entendimento de uma escola referenciada pelos interesses da classe burguesa, por conseguinte, uma escola de frágil investimento das políticas sociais, reforçando a base da dualidade do ensino, na qual os estratos mais favorecidos da sociedade o terão acesso ao ensino propedêutico, que tem como objetivo encaminhar para o ensino superior para qualificação profissional, no 3º Grau, enquanto o proletariado terá a formação para o mercado de trabalho, ou seja, a estes o fim é a educação básica, o ensino profissionalizante, o saber fazer.

Portanto, parte-se da premissa de que numa sociedade de classes antagônicas há também culturas diferentes e que é preciso que os sujeitos sejam respeitados na sua incompletude que, logo, deve-se pensar uma escola de qualidade para todos, promover igualdade de direitos, em vez de uma escola igual, quando ela está impetrada de diversidade

cultural.

Outro elemento imbuído nesta discussão é a ciência, na qual “compreendemos o conhecimento como uma produção do pensamento pela qual se apreendem e se representam as relações que constituem e estruturam a realidade objetiva”. (RAMOS, 2013, p. 26), posto que a construção do conhecimento tem uma relação imbricada com o movimento histórico dialético da sociedade e que a ciência e a tecnologia nesse panorama tem uma relevância de caráter social na perspectiva de possibilitar o acesso ao conhecimento científico a partir dos aparatos tecnológicos disponíveis na escola.

Avançando o debate deste artigo, submersos nas compreensões de educação e trabalho, ora exposto acima; no próximo tópico, adentraremos na discussão a respeito das práticas pedagógicas dos docentes, perseguindo-as como escopo central de pesquisa deste trabalho.

3. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL

A educação no Brasil ainda não é um projeto pensado pelo Estado para atender as “reais” necessidades da população, ela funciona de forma muito precária, passando por questões estruturais, falta de professores e a própria precarização da condição de trabalho, não qualificação profissional do professor para trabalhar especificamente na educação, isso se torna mais destoante ainda, quando analisamos a qualificação do docente em modalidade como à educação profissional, percebendo-se, sobretudo, a ausência da formação politécnica.

A maioria dos professores não tem essa formação, principalmente os bacharéis que, na maioria das vezes, ingressam na educação por falta de opção, por não conseguirem desenvolver suas atividades profissionais nas empresas. Esses profissionais, por conseguinte, não têm a formação para ensinar a ensinar por não ter os conhecimentos filosóficos, históricos, sociais e didáticos o que impede o desenvolvimento de uma prática pedagógica que atenda as especificidades de uma formação digna, que tenha como eixo central o homem.

A dificuldade reside no fato de que "ninguém promove o desenvolvimento daquilo que não teve oportunidade de construir em si mesmo. Ninguém promove a aprendizagem de conteúdos que não domina nem a construção de significados que não possui, ou a autonomia que não teve a oportunidade de construir". (PROFISSIONAL, 2004, p. 05).

De acordo com o que preconiza o Documento Base¹, percebe-se que há

¹ O que se aspira é uma formação que permita a mudança de perspectiva de vida por parte do (83) 3322.3222
contato@setep2016.com.br

eminentemente uma discussão sobre a importância de uma proposta educacional pautada nos princípios da cidadania, tendo trabalho, ciência, cultura e tecnologia como eixo estruturante para uma base comum igualitária. Portanto, deve-se planejar e desenvolver uma práxis em que prioritamente viabilize a formação de intelectuais/trabalhadores, para atender as exigências abancadas pela globalização da economia e pela reorganização da produtividade.

Não obstante, compreender que deve-se pensar e construir um currículo integrado para atender as necessidades dos discentes que, em larga escala os que estão na rede pública de ensino são filhos da classe trabalhadora. Correlatamente, buscam no ensino médio, como etapa final da Educação Básica, além da produção do conhecimento uma formação para o mundo do trabalho, pois numa sociedade capitalista e periférica como é o caso do Brasil, a centralidade está na economia e não no homem como ser humano que precisa produzir sua própria existência.

Neste sentido, a escola corrobora com o projeto hegemônico da sociedade em que para a “classe-que-vive-do-trabalho”² deve-se oferecer o ensino que a priori forme um trabalhador, escamoteando, assim, a função social da escola que não necessariamente tem que formar para o mercado do trabalho, mas deve sim formar um sujeito que tenha o conhecimento técnico, mas que possa compreender criticamente a sociedade e nela atuar.

Segundo Moura (2013, p. 126):

Aos estratos mais abastados da população é proporcionada uma educação direcionada à formação de profissionais em nível superior, supostamente com maiores possibilidades de empregabilidade, tendo em vista a inserção nos postos de trabalho cujas atividades são mais complexas no competitivo mercado de trabalho globalizado. Nesse último estrato, pode-se ainda fazer um recorte e identificar um pequeno grupo mais privilegiado, que se constituirá nas classes dirigentes do país, o qual recebe formação para esse fim.

Essa é a dura realidade da educação brasileira caracterizada pela dualidade do ensino, a qual é reflexo de uma determinada visão antagônica de mundo aos interesses da classe trabalhadora. No âmago dessas questões sobre a influência e as consequências do pensamento econômico neoclássico, concebe-se a educação como produtora de capacidade de trabalho, e, por conseguinte, potencializadora de renda, através do mecanismo de oferta e demanda do mercado. Fundamentada no pensamento positivista e atendendo as exigências

compreensão das relações que se estabelecem no mundo do qual ele faz parte; a ampliação da sua leitura de mundo e a participação efetiva nos processos sociais. Enfim, uma formação plena. Para tanto, o caminho escolhido é o da formação profissional aliada à escolarização, tendo como princípio norteador a formação integral. (Documento Base. 2007.p. 07).

² Compreender contemporaneamente a classe-que vive-do-trabalho desse modo ampliado, como sinônimo da classe trabalhadora, permite reconhecer que o mundo do trabalho vem sofrendo mutações importantes (ANTUNES, 2003, p. 104).

(83) 3322.3222

contato@setep2016.com.br

www.setep2016.com.br

das novas qualificações postas pelas complexas e heterogêneas inovações tecnológicas e organizacionais, no contexto da reestruturação produtiva cuja função primordial é convencionar os requisitos educacionais a pré-requisitos de uma ocupação no mercado de trabalho, inerentes a uma determinada sociedade.

A superação de toda essa contradição política e histórica que permeia a escola provavelmente será resolvida, também, quando os profissionais da educação tiverem a consciência de responder as questões que são pertinentes a suas práticas pedagógicas. Que sociedade nós temos e que sociedade desejamos? Para tanto, com ações pautadas na contramão da hegemonia e do pensamento neoliberal. Na educação, é necessário que os professores dialoguem, confrontem as suas ideias, os fundamentos e conteúdo a serem trabalhados “a atitude de contextualizar e globalizar é uma qualidade fundamental do espírito humano que o ensino parcelado atrofia e que ao contrário disso deve ser desenvolvida” (MORIN, 2009, p. 20). De certo, proporcionar aos sujeitos uma formação omnilateral, em que estes compreendam a sociedade e que se situem a favor da hegemonia ou contra a hegemonia de forma consciente, compreendendo o movimento dialético e dialógico presente na sociedade de classes.

Nesse sentido, Moura (2013, p. 134) afirma que:

A educação escolar precisa ser pensada com centralidade no trabalho e no trabalho como princípio educativo, considerando as dimensões ontológica e histórica, pois ambas são fundamentais para que os indivíduos/coletivos compreendam, enquanto vivenciam e constroem a própria formação, que é socialmente justo que todos trabalhem porque esse é um direito de todos os cidadãos.

Portanto, a escola deve ter como objetivo primeiro vislumbrar a formação politécnica, integral, sendo necessário, contudo, não apenas a reformulação das diretrizes curriculares, esse é um ponto básico, mas é preciso investimento em laboratórios, em formação de professores, valorização e reconhecimento dos profissionais, gestão compartilhada, compreender que discutir e agir sobre estas questões é primordial para garantir a formação omnilateral em que o eixo estruturante seja trabalho, cultura, ciência e tecnologia para uma base comum igualitária.

Em que pese à escola como território para uma educação de qualidade, como espaço de investigação e produção de conhecimento científico, trataremos no capítulo seguinte os conceitos de educação, sociedade, trabalho, cultura, ciência, tecnologia, e formação omnilateral ou politécnica.

Postulamos que o currículo do ensino médio é um divisor de águas no que diz respeito

(83) 3322.3222

contato@setep2016.com.br

www.setep2016.com.br

aos conteúdos e aos componentes curriculares. Temos professores puramente conteudistas em que suas práticas pedagógicas são permeadas de conteúdos obsoletos sem oportunizar aos sujeitos se reconhecerem como atores do seu conhecimento. A questão dos componentes curriculares é que atualmente cria-se disciplinas de acordo com as necessidades advindas do contexto econômico, e assim inclui-se nos currículos muito conteúdo e pouco significado para os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, entendemos que as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola ainda não atendem aos anseios das camadas populares por estarem imbuídas dos conceitos de homem e sociedade de uma visão elitista e, portanto, de um pensamento neoliberal, nos preâmbulos da meritocracia, no qual oferta-se um ensino igualitário que escamoteia a extrema desigualdade dos sujeitos oriundos da classe trabalhadora, que não conseguem nesta escola padrão assimilar e apreender os conhecimentos, por não encontrarem significados para a vida.

O que queremos na verdade é uma escola na qual os profissionais da educação tenham como desafio formar um homem que cumpra os seus deveres e reconheça os seus direitos, tendo consciência de qual o lugar ocupa na sociedade. Compreendendo que a escola é um campo de disputa, de interesses por vezes antagônicos, mas, que a educação é também uma forma de atuar na sociedade, refletir e agir sobre ela.

Que subjacente a essa visão de mundo e de sociedade pautada no capitalismo, existe um homem que histórica e culturalmente tem capacidades políticas e intelectuais e que vislumbram uma formação humana integral ou politécnica, enfim, uma educação que seja capaz de emancipar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

BORDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRASIL. MEC, Ministério da Educação. **Documento-base do PROEJA**. 2. ed. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/proeja_medio.pdf 2008.

BRASIL. MEC, LDB 9.394/96

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**. Um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. 4ªed. São Paulo: Cortez,

(83) 3322.3222

contato@setep2016.com.br

www.setep2016.com.br

1993.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Capital humano. Dicionário da Educação Profissional em Saúde.** Fundação Oswaldo Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:

<http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/caphum.html>

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do séc. XXI.** Conferência de Abertura da 33ª Reunião Anual da Associação Anual de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Caxambu-MG, 17 de outubro de 2010. Revista Brasileira de Educação v.16 a 46. jan/abr de 2011.

GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, ética e educação.** Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital.** Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios.** Edgar Morin; Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho, (orgs.) 5. Ed. São Paulo: Cortez: 2009.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Bourdieu & a educação**/Maria Alice Nogueira, Cláudio M, Martins Nogueira. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PROFISSIONAL, Fórum de Educação. **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL.** 2004. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/Texto_apresenta01.pdf>. Acesso em: 17 out. 2015.

SCHULTZ, Theodore W. **O Capital Humano: Investimentos em Educação e Pesquisa.** Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1971.